

KLÉOS MAGALHÃES LENZ CÉSAR

FUI MOÇO,  
AGORA SOU VELHO...  
E DAÍ?



**Editora Ultimato**  
Viçosa, MG

À memória de meus pais Benjamim e Elvira, e de meus sogros Júlio e Palmira, que caminharam para a terceira idade na minha frente, e já estão com Jesus.

À minha esposa Cleds, que caminha junto comigo na terceira idade; eu, um pouco à frente dela.

Aos meus filhos Kléos Júnior, Bênlío e Lênzie, que, ainda jovens, estão vindo aí atrás, e preparam-se para a terceira idade.

Aos meus dois irmãos mais velhos Júnia e Elben, que caminham na terceira idade seis e cinco anos à minha frente.

À memória de meu irmão Clebem, que vinha caminhando para a terceira idade quatro anos atrás de mim, mas a quem o Senhor, em soberania e graça, decidiu chamar para si recentemente.

Aos meus dois irmãos mais novos, Marline e Éber, caminhando para a terceira idade seis e sete anos atrás de mim.

A todos que, na frente ou atrás de mim, jovens ou adultos, também caminham para a terceira idade.

# VELHAS ÁRVORES

*Olavo Bilac*

Olha estas velhas árvores, mais belas  
Do que as árvores novas, mais amigas:  
Tanto mais belas quanto mais antigas,  
Vencedoras da idade e das procelas...

O homem, a fera, e o inseto, à sombra delas  
Vivem, livres de fomes e fadigas;  
E em seus galhos abrigam-se as cantigas  
E os amores das aves tagarelas.

Não choremos, amigo, a mocidade!  
Envelheçamos rindo! envelheçamos  
Como as árvores fortes envelhecem:

Na glória da alegria e da bondade,  
Agasalhando os pássaros nos ramos,  
Dando sombra e consolo aos que padecem!

*Fui moço e agora sou velho,  
mas nunca vi um homem bom abandonado por Deus  
e nunca vi seus filhos mendigando o pão.*

(REI DAVI — Sl 37.25, BLH)

*Ouvi-me, ó casa de Jacó, e todo o restante da casa de Israel; vós a quem desde o nascimento carregue e levo nos braços desde o ventre materno. Até à vossa velhice Eu serei o mesmo, e ainda até às cãs Eu vos carregarei; já o tenho feito; levar-vos-ei, pois, carregar-vos-ei e vos salvarei.*

(PROMESSA DIVINA — Isaías 46.3-4)

*És tão jovem quanto tua fé. Tão velho quanto a tua descrença. Tão jovem quanto a tua confiança em ti e a tua esperança. Tão velho quanto o teu desânimo. Serás jovem enquanto te conservares receptivo ao que é belo, bom e grande. Receptivo às mensagens da natureza, do homem e do infinito. E, se um dia, teu coração for atacado pelo pessimismo e corroído pelo cinismo, que Deus então se compadeça de tua alma de velho.*

(GENERAL DOUGLAS MACARTHUR)

# SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	11
<i>Introdução</i>	15
1. Perfil físico da terceira idade	25
2. Perfil mental e psico-emocional da terceira idade	31
3. A terceira idade não significa decadência e tristeza	39
4. Viva feliz na terceira idade!	51
5. Relacionamento entre juventude e terceira idade	77
6. A responsabilidade da igreja para com a terceira idade	89
8. A oração deste idoso	99
Apêndice: A terceira idade merece cuidados especiais	103
<i>Bibliografia</i>	111

---

## ABREVIACOES

ARC - Edição Revista e Corrigida da  
Imprensa Bíblica Brasileira

NVI - Nova Versão Internacional (Novo  
Testamento)

BLH - A Bíblia na Linguagem de Hoje

As citações iniciais de cada capítulo e outras, que permeiam o texto, geralmente foram retiradas da coletânea *Pensamentos e mensagens religiosas*, organizada por Hugo Schlesinger e Humberto Porto (São Paulo: Paulinas, 1984).

---

# PREFÁCIO

## I.

Alguém disse que, se idade avançada fosse um mal, ao cumprimentarmos uma pessoa pelo seu aniversário, deveríamos dizer “meus pêsames!” ao invés de “parabéns”. E poderíamos acrescentar (dizemos nós): “Que este seja o seu último ano!”

Creemos que a velhice deve ser encarada como um prêmio da graça de Deus: “Amando ao Senhor teu Deus, dando ouvidos à sua voz, e apegando-te a Ele; pois disto depende a tua vida e a tua longevidade...” (Dt 30.20).

É procurar viver uma velhice sem enfado ou murmurações, velhice útil, que trabalha, sem o peso dos saudosismos, por vezes doentios, velhice que se deduz da linguagem inspiradora do apóstolo Paulo: “uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo...” (Fp 3.13-14).

Salutar e abençoada filosofia de vida: esquecer o que vai ficando para trás, ter sempre algo para fazer, um alvo a ser alcançado! É bênção do Espírito Santo, que aquece a vida para uma abençoada velhice!

Vimos pela televisão uma entrevista com um ucraniano, firme, ereto, curtindo os seus quase 120 anos, vindo da roça, conduzindo um animal de carga. Interrogado sobre o segredo daquela longevidade, respondeu: “Trabalhar sempre, ter sempre um projeto para ser realizado e... ser bem casado!”

Excelente o livro do pastor Kléos, escrito com a participação de sua esposa Cleds. Leitura fácil, texto rico de citações preciosíssimas, é tônico para a mente e estímulo para o coração. Leia-o com atenção. Guarde os exemplos. Vale a pena!

Parabéns ao autor e sua esposa. E que vocês também gozem da divina promessa: “Saciá-lo-ei com longevidade, e lhe mostrarei a minha salvação” (Sl 91.16).

ANTÔNIO ELIAS

*Niterói, janeiro de 1999*

## II.

Muito oportuno e interessante este livro do Rev. Kléos.

Merece ser lido e meditado. Por velhos e jovens. Pelos que não sentem peso na consciência ao “depositarem” seus velhinhos em certas casas “de repouso” (!), e ao se esquecerem deles, como se simplesmente se livrassem de um peso incômodo, e também pelos que os tratam com dedicação e carinho. Por aqueles que estamos enfrentando a convencionalmente chamada “terceira idade”, e por aqueles que esperam enfrentá-la.

Enquanto lia, eu mais me certificava de alguma coisa que me vem ocupando insistentemente o pensamento, há bastante tempo: a geração de hoje tem dado importância excessiva (e até especulativa) a certas transições da vida, que considero absolutamente normais — a adolescência e a velhice. Essas fases são encaradas sob uma ótica muito problemática e pessimista.

## PREFÁCIO

Nasci e cresci na roça, num lar tranqüilo e abençoado, e (talvez por isso mesmo) nunca me dei conta de que havia problemas tão sérios na adolescência quando passei por ela! Depois encontrei na Bíblia a figura impressionante daquele adolescente de 17 anos, que enfrentou as maiores dificuldades e saiu vitorioso, sem ódios ou complexos, sem revoltas contra Deus, mas, ao contrário, sempre fiel a Ele, sem que alguém o estivesse vigiando — José do Egito!

Quanto à “terceira idade”, nunca me preocupei com ela, pois atravessá-la era coisa absolutamente normal para quem viveu numa família de longevos, convivendo com tios de até 100 e 101 anos, com a mãe que viveu até aos 94, todos absolutamente lúcidos e felizes. E depois, com os irmãos mais velhos (sou a caçula de uma família de treze filhos...), que, um aos 93 e outro aos 94 anos, ainda viajavam sozinhos de ônibus...

Meu marido, Rev. Antônio Elias, tem 88 anos. Eu já fiz 77. E para dar uma força ao autor do livro, que apela para não nos preocuparmos excessivamente com a tal da “terceira idade”, vou transcrever aqui uns versos que escrevi em março de 1996 (quase aos 75 anos), e que falam de uma coisa que me intriga: não consigo me situar na idade que tenho! O tempo correu, mas eu vivo ainda, em minha mente, uma fase bem mais jovem.

MARIA JOSÉ DE ALMEIDA ELIAS  
*Niterói, janeiro de 1999*

# PERDAS E GANHOS

*Maria José de Almeida Elias*

O tempo passa,  
os anos correm  
e a gente não percebe...

A mente ficou estacionada  
em algum ponto:  
na infância, na juventude,  
em algum tempo  
muito especial  
que se viveu  
e que foi "fotografado"  
e guardado...

Os cabelos podem embranquecer,  
a pele tornar-se flácida.  
Mas a mente  
não acompanha o tempo:  
parou ali, no lugar  
da "fotografia" ...  
Interiormente  
a gente se vê sempre  
— e muito naturalmente —  
naquela outra idade,  
muito mais jovem,  
naquele tempo  
que foi "fotografado"...

Antigamente  
os filhos eram como avezinhas,  
aconchegados no ninho...  
Mas chegou o tempo de voarem.

A gente não se dá conta  
de que o tempo passou,  
de que eles agora  
voam sozinhos,  
são capazes de se cuidar!

Um a um  
eles se vão  
para as suas casas.

A gente fica  
"voando por cima",  
porque o tempo  
ainda é aquele  
da "fotografia"...

E quando a casa  
vai ficando vazia,  
a gente não entende  
como tudo aconteceu  
tão depressa!

Mas aí dá para pensar  
com gratidão  
na beleza  
do que Deus fez.  
Quando alguém escorregava,  
Ele sustentava,  
aprimorava, endireitava  
e guardava!

Hoje eles nos cercam  
com carinho.  
São bonitos.  
Vidas bonitas.  
Famílias bonitas.

Olhando para trás,  
dá para pensar  
na superabundância  
da graça de Deus:  
no coração e na mente  
Ele conserva a juventude.  
No dia a dia  
a realidade  
da sua presença.

Os ganhos são  
infinitamente maiores  
que as perdas!  
Graças a Deus!

---

## INTRODUÇÃO

*Quarenta anos é velhice para a juventude,  
e cinquenta anos é juventude para a velhice.*  
(Victor Hugo)

Quando completei 50 anos, meus parentes e amigos vieram congratular-se comigo. Recebi muitos cumprimentos carinhosos e fraternos. Senti-me querido por eles. Como foi bom! Mas os termos de algumas dessas saudações despertaram-me a atenção. Cada um deles, ao abraçar-me, dizia:

- O quê! Já com 50 anos nas costas!
- Você está ficando velho, meu rapaz: 50 anos!
- Olha, meio século de vida não é lá pouca coisa não! Que Deus o abençoe!
- Hoje, meu caro, você atingiu o pico mais alto da vida! Amanhã, começará a descer... descer... descer sempre...
- Homem, como seus cabelos embranqueceram tão rapidamente!
- Sabe, amigo? Aos 50 a gente está mais pra lá do que pra cá...

Minha esposa não evitou o “velho”, mas foi bem mais carinhosa:

— Parabéns, meu velho! Até que você é um coroa enxuto, um cinqüentão nada desprezível! Vá em frente. Viva muitos anos! Caminharemos juntos e felizes para a velhice.

Entretanto, a mais estranha das saudações veio umas poucas semanas mais tarde, quando, numa parada de ônibus, encontrei-me com um conhecido. Antes mesmo de desejar-me um bom dia, fitou-me com olhar espantado e, à queima-roupa, disse-me impiedosamente:

— Homem, você está acabado! Como permitiu acontecer uma coisa dessas?!

Que ele me achasse diferente e até um pouco mais desgastado, vá lá, pois fazia meses que não nos víamos. Mas, dizer-me que eu estava acabado aos 50 anos, era demais! Confesso, penitente, que meu “velho homem” se sentiu agredido e irritado. Tive uma vontade enorme de dar-lhe este merecido troco:

— Como isso me aconteceu? Ora, da mesma maneira como sua família esqueceu-se de sepultar você, sua “múmia faraônica”!

Tive vontade, mas não o fiz. Contive-me. Afinal, não havia mesmo nenhuma semelhança entre ele e as múmias egípcias... Além do mais, não seria uma atitude elegante, e muito menos cristã.

Claro que eu não ignorava que as expressões usadas pela maioria dos meus amigos pretendiam apenas gracejar comigo, como eu mesmo fizera com minha filha no dia do seu 18º aniversário. Todavia, pareceu-me que alguns deles, principalmente esse tal conhecido, raciocinavam e se expressavam em termos de velhice mesmo. Eles me consideravam velho aos 50 anos!

Exceto no caso do “múmia”, essas coisas não chegaram a aborrecer-me. Admito, porém, que elas me assustaram e me deixaram um tanto inquieto e pensativo.

Eu me perguntava sobre as razões que levavam meus amigos espirituosos a insistirem em dizer-me, além de um

simples gracejo, que eu, com aquela idade, estava ficando velho.

O que é que há de diferente e especial em alguém atingir essa idade? Será que a velhice começa mesmo aos cinqüenta? Ou será que os cinqüenta anos equivalem a meio século, e “meio século” é expressão que assusta? Ou será ainda que, aos 50, realmente estamos “mais pra lá do que pra cá”?

Eu havia lido que são tantos os medos e fantasias sobre o 50º aniversário, que os médicos e psicólogos estavam fazendo uma pesquisa para descobrir exatamente o que acontece e o que não acontece quando se atinge meio século de idade. E os primeiros resultados afirmavam que os poderes mentais de uma pessoa não declinam com a meia idade. O psicólogo americano Ward C. Helstead, da Universidade de Chicago, chegou mesmo a afirmar que “desde que a pessoa exercite sua mente, as possibilidades são de que seu cérebro continue tão ágil e receptivo aos 50 anos quanto o era aos 20”.

Li também que o Dr. J. R. Guenther, outro psicólogo americano, havia reunido setenta e cinco ex-universitários de meia-idade para repetir os mesmos testes que eles haviam feito 25 anos atrás, e que “em quase todos os casos houve um substancial aumento das capacidades mentais dos pacientes. Esta melhora revelou-se principalmente nas questões que exigem lógica e pensamento objetivo”.

Num artigo publicado pela revista *Ultimato* de junho de 1977, percebi que eu, aos 50, ainda não poderia ser considerado velho: “A fase gerontológica do homem compreende dois períodos: o de meia-idade (dos 40 aos 60 anos) e o da idade avançada (dos 60 em diante)”.

E, segundo o professor J. William Vesentini, “a estrutura etária (por idades) de uma população costuma ser dividida em três faixas: os jovens (do nascimento até 19 anos), os adultos (de 20 até 59 anos) e os idosos ou terceira idade (de 60 anos em diante)”.

Li também que “sessenta era a idade reconhecida na antigüidade quando alguém ficava sendo um ‘velho’ ou uma ‘velha’”<sup>1</sup>.

Enfim, o tempo passou e, com ele, parte de minha inquietação.

Quando cheguei aos 51, alguém veio “consolar-me”, recitando o *slogan*: “Anime-se, meu amigo, 51 é uma boa idéia!”

Retribuí-lhe a solidariedade com um sorriso amarelado... quase desbotado...

Um ano mais tarde, os amigos voltaram a alegrar-se comigo pelos meus 52 anos. Fizeram um bolo bonito, mas apenas com duas velas em formato de 5 e 2. Explicaram-me que 52 seriam velas demais, e que, quando a última fosse acesa, a primeira já se teria consumido... Suas palavras carinhosas e fraternas quase foram uma reprise das saudações anteriores. Mas, felizmente, o “múmia” não veio à minha festa. Mal posso imaginar o que ele seria capaz de dizer ou fazer desta vez, senão que me traria de presente uns murchos cravos de defunto, colhidos em algum fundo de cemitério...

Durante a festa, eles me diziam novamente:

— Você está ficando velho, meu rapaz!

E eu respondia:

— Velho, não; idoso, sim! (E dizia isso conscientemente, por conhecer a diferença entre “velho” e “idoso”.)

Mas a expressão “ficando velho” ribombou em minha mente, e voltei a ficar impressionado.

Assim, depois que todos se retiraram, tranquei-me no banheiro e mirei-me longamente. Era um espelho de 1 metro quadrado e de uns 4 milímetros de espessura, que não distorceria a imagem. Ele me mostraria a verdade, pelo menos quanto ao aspecto externo. Tive de reconhecer que meu visual começava a dar mesmo sinais físicos de envelhecimento: ventre mais

---

<sup>1</sup> KELLY, John Norman Davidson. *I e II Timóteo e Tito*; introdução e comentário. São Paulo: Mundo Cristão, 1983.

volumoso, rugas aqui e ali, calvície acelerada e irreversível, cabelos brancos etc. Mais tarde, fui informado pelo meu oftalmologista que estava perdendo um pouco da visão por causa de um processo avançado de catarata.

Devido, talvez, ao meu temperamento eventualmente impressionável, vivi alguns dias outra vez assediado por pensamentos desagradáveis. Situações imaginativas de velhice prematura se anteciparam em minha mente. Vagando pelo reino da fantasia, vi-me abatido por limitações e enfermidades. Vi-me vencido pela arteriosclerose. Vi-me física e psiquicamente quase incapacitado para o trabalho. Vi-me marginalizado pela aparente inclemência de uma aposentadoria pastoral. Vi-me menos amado pelos filhos por caduquice e rabugice. Vi-me entregue ao pessimismo e ao desânimo, sem ideais, sem projetos. Vi-me desamparado e solitário por uma eventual e indesejável viuvez. Vi-me sentado na desalentadora fila dos que ociosamente esperam a hora da morte. Enfim, em minhas fantasias pessimistas e nada confiantes, quase só atinava com os aspectos negativos de uma velhice próxima; pouco ou nada previa de bom e belo para o futuro.

Horrível, não?

Mais ainda: como cristão e pastor, esposo e pai, meus pensamentos eram reprováveis. Minhas fantasias se antecipavam, criando situações inexistentes. A ansiedade pelo dia de amanhã mantinha-me inquieto.

Meu comportamento estava em desacordo com os ensinamentos de Cristo, e demonstrava falta de confiança no Deus Todo-poderoso, Senhor da vida, da morte, do tempo, do espaço, das circunstâncias e da História. Além do mais, tinha a meu favor o magnífico exemplo de meus velhos pais, e o otimismo e jovialidade de meus dois irmãos, 5 e 6 anos mais velhos do que eu, e ainda a constante alegria e esperança de minha esposa, um pouco mais nova.

Reconheci que precisava livrar-me desses pensamentos distorcidos e pessimistas, antes que se tornassem uma obsessão indomável, ou mesmo uma neurose depressiva.

Foi nas Escrituras Sagradas que encontrei refúgio e socorro. Lembrei-me de que durante treze anos, em minhas leituras devocionais, vinha catalogando textos bíblicos sobre os mais diversos aspectos da vida, de que já tinha dez cadernos de 200 páginas cada um, cheios de dados, somando aproximadamente 5 mil títulos sem repetições. Procurei neles as palavras “velhice”, “idoso” e “terceira idade”, e fiquei surpreso ao descobrir que, de Gênesis a Apocalipse, a Bíblia é encantadoramente pródiga em ensinar sobre a velhice.

Então, o que me faltava era selecionar e estudar esses textos, crer neles, seguir sua orientação e descansar plenamente no Senhor da vida e do tempo, no Deus do idoso e de todas as idades.

Fiz isso, e creio que superei as minhas dificuldades. Hoje, aos 64 anos, embora sabendo que, segundo os estudos do professor J. William Vesentini, já entrei mesmo na faixa etária dos idosos, não sou mais dominado por aqueles pensamentos depressivos. Quando eles reaparecem, busco refúgio nas promessas do Senhor. Sei, mais do que nunca, que Deus tem um carinho muito especial com o pessoal da terceira idade. Sei também que a idade avançada não é uma situação de incertezas que deva assustar ao filho de Deus; é, antes, já que evidencia longevidade, uma forma de bênção divina, mesmo que venha acompanhada de algum desconforto físico ou limitação mental e psíquica. Sei que, se ainda estou vivo, é porque tenho alguma missão a cumprir aqui na terra.

Agora, quando meus amigos voltarem a abraçar-me, dizendo que vou ficando cada vez mais velho, estarei pronto para dizer-lhes, especialmente ao “múmia”, com fé e estimulado pelo salmista: “Fui moço e agora sou velho...” (Sl 37.25), e daí?

Atualmente, os idosos constituem a faixa etária que mais cresce no mundo. A Organização das Nações Unidas (ONU) decretou 1999 o Ano Internacional do Idoso.

Segundo organismos competentes, a previsão é de que seremos, os idosos, 600 milhões na entrada do novo milênio. No Brasil, já somamos quase 13 milhões, aproximadamente 7,6% da população de quase 170 milhões. No ano 2025, poderemos chegar a 32 milhões.

Renato Peixoto Veras, médico, doutor pelo Guy's Hospital da Universidade de Londres, professor da UERJ, diretor da Universidade Aberta da Terceira Idade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UnATI – UERJ), nos dá detalhes impressionantes em seu livro *País jovem com cabelos brancos: a saúde do idoso no Brasil*, ao qual remetemos o leitor ávido de dados e considerações ainda mais profundos:

As perspectivas de uma sociedade em envelhecimento no Terceiro Mundo são surpreendentes... Brasil, Indonésia, Paquistão, México e Nigéria, entre outros, suplantarão os países europeus na classificação de países com os maiores números de idosos. Em 1950, o Brasil era o 16º do mundo, com 2,1 milhões de pessoas idosas. Até 2025, estima-se que terá chegado ao sexto lugar, com a assombrosa quantidade de 31,8 milhões de idosos, apresentando o maior aumento proporcional dentre os países mais populosos do mundo durante este período. Dentro de 75 anos, a população idosa do Brasil terá aumentado quinze vezes, ao passo que a população como um todo será apenas cinco vezes maior.

A jornalista Genoveva Miranda Lima, em excelente artigo intitulado "População idosa do mundo vai aumentar", publicado pela revista *Vida e saúde* de julho de 1984, afirma:

Segundo dados estatísticos, em 1950, havia duas crianças de menos de 5 anos para cada ancião de mais de 60; no ano 2025, a proporção será exatamente o contrário. No primeiro quarto do século 21, uma pessoa em cada 7

terá mais de 60 anos, quando, em 1950 era 1 para cada 12. Ou seja, enquanto se prevê a triplicação da população do planeta entre 1950 e 2025, no mesmo período o número de anciãos quintuplicará.

Falando sobre a natalidade em queda na Europa, e o conseqüente aumento da ancianidade, a revista *Veja* de 22 de julho de 1988 publicou a seguinte notícia:

O velho continente está cada vez mais velho. Com expectativa média de vida que atinge 77 anos e índices de natalidade em queda livre, a Europa está se tornando rapidamente numa espécie de clube da terceira idade. Nunca o índice de fertilidade dos europeus foi tão baixo, exceto, talvez, em tempos de guerra, ou durante a peste negra. A maioria dos países europeus tem crescimento populacional próximo a zero ou mesmo negativo. Em praticamente nenhum deles o número de nascimentos por mulher supera o valor mínimo necessário para repor a população que morre. Na Itália, o número de pessoas com mais de 60 anos já ultrapassa o de jovens com menos de 20. Estima-se que até o final do ano o fenômeno se repita na Alemanha, Espanha e Grécia.

Essas considerações, seguidas de dados estatísticos tão bem documentados, inevitavelmente nos conduzem a sérios questionamentos.

Que é velhice? É apenas um estado de declínio mórbido? Significa nada mais do que "a reta final" da existência humana, sem propósitos, sem ideais, sem realizações? A "sala de espera" da morte?

Quais são os sintomas bio-psico-sociais da terceira idade? Que sentimentos, aspirações e atitudes ainda podem ser encontrados no idoso? Será ele capaz de sentir, amar, pensar, planejar, criar, externar-se, liderar, servir? Ou é apenas um ser cansado da vida, inútil, esgotado, falido?

Por que, quando se pensa no velho, pensa-se mais numa criatura triste, enrugada, trôpega, inútil, dependente e "mais pra lá do que pra cá"?

Qual é o seu verdadeiro lugar na sociedade? Ou será que ele não tem mais lugar algum, fazendo parte apenas de uma sucata social?

Como deve ser o relacionamento entre idosos e jovens?

O que os idosos esperam da sociedade, da família, da Igreja, dos irmãos na fé e dos pastores e líderes?

O que a Igreja de Cristo está realizando pelos idosos? Por que são criados departamentos com programas especiais para crianças, adolescentes, jovens, homens e mulheres, mas, em geral, pouco ou nada se projeta para a terceira idade?

É possível viver uma velhice feliz? O que diz a Bíblia? O que ensinam os teólogos? O que falaram os apóstolos?

Fruto de pesquisas oriundas daqueles dez cadernos e de outras fontes, dedico este livro àqueles que, como eu, já chegaram à terceira idade, bem como a todos os que vêm logo atrás, adultos e jovens.

Meu objetivo é demonstrar como as Escrituras Sagradas enfocam a questão da velhice. Desejo conduzir o leitor diretamente ao texto sagrado, na esperança de ajudá-lo a enfrentar sua ancianidade com entusiasmo e convicções bíblicas firmes, em paz com Deus, consigo mesmo e com todos aqueles que o cercam. Os leitores não idosos, quero induzi-los ao necessário preparo para a terceira idade. É meu propósito também contribuir para o despertar da sociedade, em suas variadas manifestações, especialmente as comunidades eclesiais, no sentido de voltar-se com mais carinho para a terceira idade, em termos não só de amor e simpatia, mas de ação — e ação concreta e imediata!

Devo declarar ainda que não é minha intenção focar aspectos de ordem científica, técnica ou acadêmica. Já existe uma boa literatura nesse campo. Não sou geriatra, nem gerontólogo, nem psicólogo, nem psiquiatra, nem sociólogo, nem antropólogo, nem assistente social, embora goste de ler sobre todos esses assuntos. Sou teólogo. Além disso,

FUI MOÇO, AGORA SOU VELHO... E DAÍ?

tive a abençoada experiência de usufruir da companhia de meus saudosos pais até quase ultrapassarem a barreira dos 80 anos.

O título *Fui moço, agora sou velho... e daí?* baseia-se na bela e inspiradora experiência de vida do rei Davi, de Israel: "Fui moço e agora sou velho, mas nunca vi um homem bom abandonado por Deus e nunca vi seus filhos mendigando o pão" (Sl 37.25, BLH).

Rogo a Deus bênçãos sobre você na leitura deste livro.

Engrandecido seja o Senhor do idoso e de todas as idades!